



## CAMINHAR PARA VENCER

A campanha que há muito já encetamos, campanha justa, moldada nos princípios mais nobres, tem seguido com firmeza os trâmites legais da temperança e boa educação, e resolutamente tem trilhado sempre o caminho amplo da justiça e do dever.

Impulsionada por um direito incontestável que nos assiste, e reforçada por essa força grandiosa da vontade que todos nós lhe devotamos, essa campanha tem seguido lento e lento com parcimônia e sangue frio, sem exaltações desmedidas nem espalhafatos ridículos.

É uma luta que se debate nos campos da justiça; e moderadamente, serenamente, só reclamamos o direito.

Nada mais queremos.

Não nos seduz a embriaguez de uma vitória pomposa e esmagadora. Não.

Queremos somente que as nossas justas aspirações de hoje, sejam a realidade insofismável de amanhã.

E porque não?

Se não fossem as aspirações tudo cairia na degradante apatia do indolentismo. É preciso acção; é preciso energia e vida.

São elas, as aspirações, o halito que remova todos os corações, a força que acalenta a mocidade e que a impulsiona e arrasta para o torvelino da vida, onde alguns, rompendo a onda das dificuldades conseguem erguer-se triunfantes, e onde muitos, infelizmente, sucumbem ao peso forte e violento da desgraça.

E nós, que nos arrastamos nesse torvelino da vida, cheios de aspirações, justo é que lutemos, para que possamos afastar para longe as dificuldades que nos prendem e os estorvos

perigosos que nos não deixam e minhar livremente.

Desejamos o caminho livre, para que todos, sem custo, e sem medo a papões ou a falsos, transitem sem dificuldade. Trabalhar e sofrer pelos outros e defender a todos, é ser social, humanitário e bom.

E nós somos pela causa comum; defendemos os interesses de todos; desejamos o bem estar e as regalias indispensáveis para todos.

Que todos trabalhem sim, mas que todos tenham os seus direitos assegurados, os seus interesses garantidos.

Infelizmente, uma causa justa é sempre perseguida; e os obreiros e defensores dessa causa sempre ameaçados e desprezados.

Tudo isso perfeitamente o compreendemos e sentimos.

Sobre muitos tem caído já o couteiro pesado da vingança; sobre nós todos tem caído o desprezo e a malquerença.

Ah! mas saberemos lutar!

Quanto mais perseguidos, quanto mais esquecidos, mais coragem animará as nossas forças meio gastas, mais empenhados entraremos para a luta.

A perseguição anima. Bem conhecemos o motivo do nosso mal.

É que a nossa luta é uma luta branda; limitamo-nos a protestar.

A nossa conduta tem sido calma; limitamo-nos a pedir.

Não basta.

É preciso, nos tempos de hoje, mais energia, mais força e mais coragem, para que sejamos ouvidos. Não basta protestar: é preciso ameaçar. Não basta pedir: é preciso reclamar.

Somos perseguidos, odiados? E então.

Perseguindo-nos e ameaçando-nos, só fazem que nós nos entreguemos, sem tréguas, a uma luta mais viva e decidida.

Podemos, sem receio, confiar no valor da nossa energia e na força dos nossos direitos.

Caminhar para vencer...

### Quando eu era Marçano

A Rogenini

Há quantos anos já passou esse delicioso tempo! Há quantos, quantos! Talvez há uns 5 anos.

Como o tempo passa tão aceleradamente e os anos a enfileirarem-se uns após outros até que vai roubando-nos a alegria, fazendo-nos tracos, perdendo essa expansibilidade que nos torna admiráveis ao olhar dos outros.

Quem há que não recorde com saudade, com lágrimas a marejar o olhar esse tempo feliz e despreocupado de marçano?

Como se vive novamente, como se sente uma alegria imensa ao recordar-se o tempo passado que vincou em nossa imaginação uma saudade!

A vida do marçano nem sempre se pode cantar como alegre e feliz. Depende a sua felicidade da casa onde vive, dos seus padrões, e também dos empregados que às vezes de exigentes se tornam brutais.

Eu nesse sentido fui bem feliz. Os padrões e timavam-me tanto como se lhes pertencesse.

Só uma mágoa profunda me assalta e me fere, ainda hoje, e já são decorridos tantos anos.

Silêncio nessa parte. É que há casos em que ainda mesmo que aparentemente demonstramos uma serenidade, um esquecimento do passado, a dor, o ódio não se extinguem facilmente. Fica sempre um resquício dum fogo que de quando em quando se acêa.

Prolongava-se a posição em marçano. Estava chegado o

tempo de terminar essa vida, pois geralmente o tempo necessário para se ser promovido a caixeiro é de dez anos. Entrei a desgostar-me por ainda me encontrar naquela ridícula posição quando os meus contemporâneos: o Xavier, o Xavierzinho e o Lemos, já tinham sido distinguidos e promovidos a caixeiros.

Que ferro senti quando no domingo os vi com gravata, eu que sempre os tinha acompanhado, que eramos trez vontades irmanadas em um só querer, eu, finalmente, senti-me ferido, vexado por não compartilhar da mesma alegria deles.

Um dia principi a sentir uma vontade de abalar, de deixar Viana; e como o momento fôsse azado para isso, entrei a dizer que ou me davam a ganhar ou então que arranjassem rapaz que a minha missão estava concluída.

Ocultamente tinha arranjado uma colocação em Guimarães; e se não acedessem ao meu pedido pregar-lhes lia a partida e então transpunha pela vez primeira e se degrau bem erigido de dificuldades, o primeiro passo dado na vida comercial.

No primeiro de Maio de 1910 entrava eu na loja com o pescoço adornado por uma rica gravata de seda que uma minha irmã me tinha oferecido. Era tamanho o desejo de pôr gravata que nem sequer esperei pela resolução de meus padrões.

A noite estava solucionado o caso.

Atendendo a que precisavam de mim (vaidade á parte) resolviam darem-me a ganhar. Que alegria eu experimentei. Foi como se uma rajada de vento tivesse dissipado no horizonte as névens que toldavam o ambiente e o tornassem tão límpido, que vestígios não houvesse da tempestade.

Então já me sentia bem ao pé dos meus amigos. Eramos todos iguais em posição. O nosso génio amoldava-se a todas as excentricidades do Lemos. Ele mandava e eu e mais o Xavier obedecíamos. Um dia, por uma tarde monótona de Outono, estávamos todos trez no jardim a apreciar a banda

do regimento de infantaria 3, que se fazia ouvir sempre que o tempo o permitia ás quintas e domingos. Discutíamos nós, o quê? Ah! sim. Agora me lembro.

Eram as aventuras de três «Russos» e três «Inglêses» quando, no meio duma exaltação, diz o Lemos: «Vamos fazer uma travessia ao monte do Santa Luzia?» Respondemos unanimemente acedendo á ideia apresentada por o sábio Lemos. Pusemo-nos a caminho. Do bairro das Ursulinas avistávamos o mar que num gemer doloroso vinha esvagarhar os seus ímpetos de encontro aos rochedos da praia. O sol, numa agonia dolente, tangia com uns laivos sanguinolentos o poente, tocando com o seu reflexo de purpura as fraldas do monte que desejávamos atravessar.

E embebidos por este panorama belo atravessamos o fiúcão e lado a lado a montanha de Santa Luzia.

Que passeio tonificante foi esse. Hoje, todos abandonaram Viana. Só eu de ano a ano lhe faço uma curta visita encontrando lá vestígios da minha infância.

É com viva saudade que me lembro do passado. Quão agradáveis recordações ele me deixou.

ZÉ FERNANDES.

### O triste progresso

São já sem número as vezes que neste e noutros baluartes da nossa classe eu tenho tido a agradável ocasião de apreciar a intensa propaganda que eles fazem sobre a nossa instrução e solidariedade.

Porém, até hoje o resultado obtido pouco ou nenhum tem sido, e isto devido ao mau procedimento de uma grande parte da nossa classe.

Não posso compreender a forma de muitos dos meus colegas interpretarem a solidariedade que na nossa classe deve existir para usufruirmos o que de justiça nos pertence. Hoje, mais do que sempre, precisamos de nos instruímos e solidarizarmo-nos, para pôr-

mos cõbro, por uma vez, ás infâmias que muitos dos nossos opressores contra nós estão praticando, com o intuito de nos privarem das parcas regalias que á custa de muito esforço temos adquirido.

Pois, presados colegas, permiti-me que vos diga que se me contrista a alma ao ouvir dizer que a nossa classe não tem a compreensão precisa dos seus altos deveres para repelir qualquer imposição patronal que surja contra nós. Se, porém, tal compreensão não existe ainda na nossa classe, a culpa cabe unicamente a alguns colegas imbecis, e senão tenhamos em vista o procedimento duma parte dos sócios da União dos Empregados de Comércio do Porto, na sua assembleia geral realisada para a eleição dos corpos gerentes de 1915.

Vejamos numa das últimas cartas do Porto, publicada neste nosso defensor «O Despertar», o procedimento tão repugnante dalguns dos nossos colegas naquela assembleia, que chegou ao cúmulo de darem pateaada aos nossos acérrimos defensores Correia Pessoa, Alberto Osório e Fernandes da Silva, cujos inúmeros sacrificios a nossa favor são retribuídos.

Não posso deixar, pois, sem o meu mais enérgico protesto o gesto indigno desses colegas que tão mal se conduziram na referida assembleia geral.

XAVIER.

## Regulamentação das horas de trabalho

Foi finalmente aprovado no Senado o projecto da regulamentação das horas de trabalho, o que registamos com todo o prazer.

Foi coroado de bom êxito todo o nosso trabalho de tanto tempo.

Que, posta a regulamentação em vigor, todas as associações do país saibam aproveitá-la bem, fazendo criar escolas nocturnas, e que todos os colegas se apliquem ao estudo, são os nossos sinceros desejos, como já o temos manifestado.

Vivam as classes trabalhadoras!

## FEDERAÇÃO DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

### A obra da Junta Executiva do Norte

Em 15 de Junho de 1913, teve logar a posse.

Em 2 de Julho de 1913, realisou-se a primeira reunião, aprovando-se o programa dos trabalhos a efectuar.

Em 11 de Julho de 1913, convidaram-se os sindicatos da zona norte a ingressar na Federação.

Em 29 de Julho de 1913, segunda reunião em que se admitiram na Federação as associações de Lamego e Fátima.

Em 25 de Agosto de 1913, terceira reunião, em que se admitiram na Federação as associações de Braga, Vizeu e Régua.

Em 11 de Setembro de 1913, interessaram-se todos os sindicatos do norte, na questão da regulamentação do horário de trabalho no comércio de Lourenço Marques.

Em 14 de Setembro de 1913, reunião dos caixeiros do Porto para se instar pela manutenção da portaria do governador de Moçambique, que regulou o horário de trabalho no comércio.

Foi Alberto Osório e aprovou-se uma reclamação ao ministro das colónias.

Em 21 de Setembro de 1913, quarta reunião.

Em 24 de Setembro de 1913, quinta reunião.

Em 2 de Outubro de 1913, protesto junto da câmara municipal do Porto contra o pedido que a direcção dos Armazens Hermídeos lhe fizera, para abrir o estabelecimento no dia 5 de Outubro, domingo.

Em 16 de Novembro de 1913, sexta reunião em que foi admitida na Federação a associação de Viana do Castelo.

Em Novembro de 1913, Alberto Osório, representando a Junta, coadjuvou o Conselho Director da União dos Empregados de Comércio do Porto na reforma do seu estatuto.

Em 28 de Dezembro de 1913, sétima reunião em que foi admitida na Federação a Associação do Porto.

Em Dezembro de 1913, entrevista concedida por Alberto Osório ao correspondente do jornal «O Caixeiro», que a publicou no seu número 482.

Em 12 de Janeiro de 1914, oitava reunião.

Em 13 de Janeiro de 1914, reclamação dirigida ao senado da câmara do Porto sobre a questão da regulamentação do trabalho no comércio, levantada pelo senador Dias da Silva.

Em Janeiro de 1914, con-

ferência sobre o mesmo assunto, realisada entre os membros da Junta, Salvador Correia e Candido de Oliveira, e o senador Dias da Silva.

Em 8 de Fevereiro de 1914, solicitou-se do delegado de saúde do Porto uma visita sanitária aos estabelecimentos comerciais e aos aposentos destinados aos empregados internos dos mesmos.

Em 15 de Fevereiro de 1914, nona reunião.

Em 1 de Março de 1914, sessão de propaganda a favor da regulamentação do trabalho no comércio, usando da palavra, entre outros camaradas, Alberto Osório e Salvador Braga.

Em 8 de Março de 1914, discurso de Alberto Osório numa sessão de propaganda realisada em Coimbra.

Em 5 de Abril de 1914, décima reunião em que se admitiu na Federação a associação de Aveiro.

Em 16 de Abril de 1914, reclamou-se do senado da câmara de Espinho o cumprimento do regulamento do descanso semanal.

Em 24 de Abril de 1914, solicitou-se do ministro do Interior que não permitisse que a câmara de Viana do Castelo alterasse o regulamento do descanso dominical.

Em 30 de Abril de 1914, idêntica reclamação dirigida á mesma entidade sobre o caso de Pombal.

Em 30 de Abril de 1914, rogou-se ao ministro dos Estrangeiros que intervisse, junto do governo inglez, a favor do portuguez Oliveira Coelho, que fôra condenado á morte.

Em 8 de Maio de 1914, interessaram-se os sindicatos da zona norte na questão de Pombal e na de Viana do Castelo.

Em 10 de Maio de 1914, protestou-se junto da câmara de Pombal contra a sua deliberação de estabelecer por turnos, o descanso semanal.

Em 17 de Maio de 1914, comício público, realisado no Porto, a favor da regulamentação do trabalho, falando Alberto Osório, Cesar Rodrigues e Casimiro Silva, respectivamente presidente, vicepresidente e vogal da Junta.

Em 18 de Maio de 1914, instou-se com os presidentes do Ministério, do Senado e da Câmara dos Deputados pela discussão do projecto de lei sobre a regulamentação do trabalho no comércio.

Em 28 de maio de 1914, décima primeira reunião.

Em 8 de Junho de 1914, enviou-se á câmara do Porto uma cópia da moção aprovada no comício e rogou-se-lhe o seu concurso a favor da regulamentação.

Em 9 de Junho de 1914, em officio dirigido ao senado

da câmara de Viana, protestou-se contra o seu proposito de modificar o regulamento do descanso semanal.

Em 9 de Junho de 1914, expoz-se a mesma questão ao governador civil de Viana do Castelo e rogou-se-lhe que não intervisse a favor da pretensão da câmara.

(Continua).

## APÊLO

A Junta Executiva da Federação das Associações de Classe dos Caixeiros Portuguezes (Zona Norte), tendo o maior empenho em obter colocação para dois camaradas, que se encontram desempregados, roga aos membros da classe a sua coadjuvação para o fim indicado. Que a solidariedade dos caixeiros se revele na prática desta acção tão nobre e bela.

Ver adiante os respectivos anúncios.

## NOTICIÁRIO

### Salto

Por motivo de força maior, a que não são estranhos os nossos muitos afazeres de fim de ano, não nos foi possível publicar este numero de «O Despertar» no seu competente dia, 3 deste mez.

Por esta falta involuntária, pedimos desculpa aos nossos estimados assinantes e colaboradores.

### Grupo Dramático

#### «Julio Dantas»

Mais uma vez este seletto grupo teve ensaio de patentear ao povo de Guimarães a sua competência na arte de representar, com o espectáculo realisado em 3 do corrente, no teatro D. Afonso Henriques. Como era de esperar, todos os amadores que fazem parte do grupo desempenharam os seus papéis com inextinguível correcção, e agradaram imenso as peças que levaram á scena: «A Sonata», peça em 1 acto; «Dias gútas», comédia em 1 acto; e «1023», episódio em verso, por Julio Dantas.

Não foi para estranhar, pois, que a casa fosse totalmente passada e sem difficuldade.

Que este bello resultado obtido pelos membros do grupo lhes sirva de incentivo para que realistem, de futuro, outros espectáculos. E, sem quereremos desfazer no esforço e boa vontade com que cada um contribuiu, não podemos deixar de nos referir aos valiosos serviços prestados pelos srs. José Roriz, intelligente ensaiador do grupo. Serafim Rodrigues, João Pina e Simão Costa.

### Manoel Pinto Ferreira

Por conveniencias particulares, retirou de Vizeu para Santa Comba Dão aquelle nosso presado amigo e correspondente. Desejamos-lhe felicidades.

### «O Caixeiro da Beira»

Recebemos a agradável visita deste nosso colega de Vizeu, seminario defensor dos interesses da nossa classe, que se apresenta muito bem redigido. Desejamos-lhe prosperidades e uma longa vida.

### «O Espião»

Como havíamos anunciado, começou a sua publicação no domingo passado este quinzenário humorístico e literário, que se apresentou redigido com graça e correcção. Felicidade e longa vida é o que lhe desejamos.

### Abilio Martins

Retirou do Porto para o seio de sua familia, por motivo de doença, este nosso estimado correspondente e amigo, a quem do coração desejamos rápido restabelecimento.

### «Pra cá vens de carrinho»

E' este o titulo duma revista, original dos srs. Luis T. Jacinto, J. Teixeira Alves e Leão Martins, que brevemente vai ser levada á scena no teatro D. Afonso Henriques. Ha grande interesse por parte do público desta cidade, e sté de fora daqui, por esta revista, que promete ter uma casa á cunha.

### «O Trabalho de Guimarães»

Enceton a sua publicação em 3 do corrente este bem redigido semanário social defensor das classes trabalhadoras. Desejamos que trilhe sempre o caminho porque enveredou.

## CAIXEIRO

Oferece-se com muita prática de sola e cabe-dais, para armazem ou casa de retalho. Carta á Junta Executiva da Federação dos Caixeiros (Zona Norte). Rua Fernandes Tomàs, 325—Porto.

Os jornais da classe são as sentinelas vigilantes do bem-estar dos empregados de comércio. Todos, porisso, devem prestar-lhes o seu auxilio.

## CAIXEIRO

Oferece-se com bastante prática de mercearia. Edade 19 anos. Carta á Junta Executiva da Federação dos Caixeiros (Zona Norte). Rua Fernandes Tomàs, 325—Porto.

Todo o bom caixeiro, que se prese de o ser, deve ser sócio da sua Associação e assinar os jornais da classe.

### P'ra cá vens de carrinho

BREVEMENTE

Secção Literária

LUAR DA TRISTEZA

Anda de noite a luz da Lua-cheia  
A banhar de tristeza os olivais,  
Os choupos tão velhinhos lá da aldeia,  
A fonte, a gruta e os rústicos casais.

—Santa gente tão triste de tristeza:  
Qual é a linda côr do vosso olhar?  
—Pálida e baça, chama mal acesa,  
Visão piedosa, feita de luar.

—Oh luar da tristeza! oh bom amigo!  
Luar de Portugal! eu te bemdigo!  
—Alma da minha vida ainda incompleta:—

Dá vida à minha vida quasi exaegue,  
Dá-me Luz, dá-me génio e dá-me sangue,  
—Minha estranha figura de Poeta!—

(Inédito)

Guimarães—Setembro de 1914.

Leão Martins.

SAUDAÇÃO

(Ao Batalhão expedicionário de Infantaria 20 com os nossos respeitos e admiração).

Eu queria ir convosco de bandada,  
Passo cadente ás ordens dum tambor,  
E seguir a bandeira desfaldada  
Pelos mares e terras que ela fór!

Convosco repizar desafrontada  
A Pátria que ouve o glacial fragor!  
Dar á Mãe, minha Terra, minha amada  
A paga que me exige o seu amor!

Mas de Tirteu não tendo o excedido gozo,  
Do horrivel contemplar maravilhoso  
Nos campos de batalha entre a victória,  
Vos escolte este meu sentir imenso  
Ligado ao voto pobre mas intenso  
De que seja gloriosa a trajectória!

II

Olhai Aljubarrota! Olhai Ourique!  
Bussaco com Magal! Quatro fardos  
Que incendiando a esteira dos heróis  
Vão salvando uma frota de ir a pique!

Outra vez que, cerrados como um dique,  
Luctais sob a tianeira d'outros sóis,  
Cantem comigo os pátrios rouxinóis,  
Ode que Vosso alma ouça e nela fique!

Que o clarão de hoje, como em piscas eras,  
Ofusque a luz de Abril em primaveras  
E illumine uma página de história,

Para que amanhã noutra saudação  
A lágrima que afflore ao coração  
Maude a Pátria abençoar-vos p'ra glória!

Guimarães, 17—1—914.

R. E.

DE PASSAGEM

—Ora viva lá, Maria!  
Diz adeus meu rico amor!  
—Ah! perdão, eu não o via,  
Desculpe, sim, meu senhor...

E's travessa... agarotada...  
—Não, senhor, mais séria agora.

TÍSICOS

(a António Pina)

Grandes olheiras... rostos macerados...  
Com peito aluido... andar incerto...  
A Parca negra perto, muito perto,  
Não tardará a levá-los, desgraçados.

Lábios brancos... dedos enfusados...  
Faces sulcadas pela dor pungente,  
Qu' o peito tanto sofre e tanto sente...  
Fazem dó os seus olhos encovados...

Como vós sofreis... mártires da dôr!  
Tendes aspecto tal que mete horror  
A quem comove vosso sofrimento!

Ide p'ra longe, não vos posso ver...  
Se vos ouço tossir, eu culdo ser  
Toque a finados, compassivo e lento!

Guimarães, 10—11—914.

J. Novais Teixeira.

SAUDADES

A uma mulher

Sobre uma pedrá já polida pelo  
choque constante das ondas eu  
estava, um dia, sentado á beira  
do Mar.

Este, bonançosa e calmo, brincava  
com a areia, Farfalhos de espuma  
vinham beijar-me os pés. Uma  
brisa fresca e suave corria. Ao  
meu lado estendiam-se campos  
verdes, onde pastavam alguns  
bois pachorrentos; limitando, ao  
longe o horizonte, a sombra  
negra dos pinhais. Descendo d'esses  
campos, corria mansamente um  
pequeno riacho de água pura e  
cristalina que, serpenteando incauta  
e despreocupadamente por  
entre o fraguado da praia, era  
tragado sem piedade pelo Mar.

Mais alem, e na margem deste  
riacho brincavam, alegres e satisfeitas,  
três crianças que me recordavam  
os dias em que eu e alguns  
condiscipulos, ao sair da escola,  
íamos, caminho de casa, subindo  
as margens do ribeiro da nossa  
aldeia á cata dos morangos  
«bravos» que nos deliciavam.  
Oh! tempo esse que não volta e  
que nós vivemos sonhando, rindo  
e brincando sem a preocupação  
inquietante do trabalho!

E absorto nesta contemplação  
muda da Natureza eu via, como  
que através dum véu de espessa  
gase, perpassar ante mim a tua  
imagem esbelta e seductora. Senti  
depois sentares-te a meu lado  
e, com a ternura, filha do nosso  
amor sincero, afagares-me e acariciastes  
me, e sentia a tua voz no  
chilrear harmonioso dos passarinhos.

Mas... oh! ilusão! Eu sonhava!

De repente, um frémito percorre-me  
o corpo e a tua imagem esbelta e  
sedutora, Mulher! desaparece tal  
qual uma nuvem de fumo que se  
esvai no espaço. E eu, tristonho  
e pensativo, aí fico, na mesma  
contemplação muda da Natureza.

ABILIO MARTINS.

LITTERATURA FEMININA

A estátua amorosa

Por Augusta Echten  
Tradução de António Lima

A noite de natal, deslumbrante  
e bela, pairava sobre Florença,  
—cidade radiante de poesia e de  
amor.

Era uma noite clara toda cre-

pitante de estrelas, pois, neste  
país amantissimo do sol a própria  
noite se veste de galas guardando  
um pouco de luz do dia, assim  
como o inverno nos mostra  
sempre um pouco de encanto  
primaveril.

Benevuto Cellini, o artista idolatrado,  
o espadachim temido por todos,  
o amoroso amado por todas,  
Cellini, essa genial figura diante  
de quem os grandes se curvavam  
com veneração e culto, quiz  
passar essa noite completamente  
só.

Só? Poder-se ha dizer só quando  
se fala dum poeta?

Só com ele mesmo é para bem  
dizer imerso num mundo maravilhoso  
povoado de quimeras e magia,  
de sonhos grandiosos e visões  
encantadoras, entrelaçado com  
o deus que vive no coração do  
génio.

Nessa noite Cellini estava encostado  
ao terraço do seu palácio. Florença  
estendia-se aos seus olhos como  
uma amante vencida, adormecida  
pelo languido prazer duma  
carícia.

E Florença era para ele uma amante  
gigantesca em quem ele sentia  
tumultuar o sangue da volutuosidade,  
em quem ele sentia os calafrios  
da beleza, era a mulher na qual  
ele podia sorver incessantemente  
as impressões fecundas que lhe  
permittiam criar as obras que  
faziam dele a simbólica imagem  
dum deus. Momentaneamente  
contemplou essa cidade toda  
florecente pela arte, onde alvejava  
o mármore dos palácios, e sobre  
a qual se abria, como um cofre  
encerrando uma joia, o aveludado  
ceu.

Por toda a parte scintilações de  
luz espargiam-se através das  
vidraças fechadas,—luzes da  
noite evocadoras de mil coisas  
adornáveis, e que deixam ao  
sonho um campo illimitado.

Depois o artista contemplou o  
universo constelado destes globos  
brilhantes onde palpitam tantas  
vidas desconhecidas, onde talvez  
algum visionário contemplasse a  
terra, onde alguma amante a  
interrogasse no mistério do espaço  
infinito. E rapidamente, por  
entre a calma nocturna, os  
dobres dos sinos anunciando o  
Natal, ressoaram plangentes.

Os sons cristalinos voavam,  
dispersavam-se com um ruído  
rítmico, semelhante ao do embate  
das contas dum rosário.

Depois de despertar duma  
concentração profunda, Benevuto  
reentrou no seu atelier.

A pálida claridade da lua  
beijava as suas obras, deixando  
as distinguir apenas bosquejadas  
na sombra. E adivinhava-se  
sob a carícia dum fluido de luz,  
fugidias espáduas de silfidias  
frontes de virgens, ondulosas  
cinturas de seijas.

E todos esses seres nascido da  
rica imaginação do artista,  
pareciam viver confusamente  
duma vida imaterial.

Entre todas as obras filhas do  
seu abraçado pensamento de  
artista, havia uma que ele preferia.  
Era uma Diana de mármore que  
a claridade lunar acariciava,  
e fazia resplandecer na sombra  
como uma auréola.

Quantas recordações felizes  
estavam prezas á quella obra!

Aquella que estava defronte do  
mestre havia sido a amante ideal,  
aquella que deixa sobre os lábios  
a indelevel impressão dos beijos,  
aquella que lhe tinha proporcionado  
dias deslumbrantes de prazer  
e noites ardentes de embriaguez  
louca.

Quem era ela? Uma grande  
dama da sociedade florentina que  
o seu amor pelo belo tinha  
atirado para os braços do mago  
da beleza, Capricho?

Não. Um amor verdadeiro  
havia selado os lábios do ídolo  
e do adorador. E esse amor  
tinha o ele gravado numa obra  
imortal, nes-

sa Diana de formas tão puras,  
dum sorriso tão doce, que se  
levantava agora diante dele.

E depois o encantador modelo  
havia partido? Para onde?

Cellini ignorava-o. Um dia  
ela veio dizer-lhe adeus. O artista  
beijou-lhe a mão, saudou-a  
sem algum desembaraço e correu  
depois em busca d'outros lábios.  
Mais tarde, porém, quando  
sob o espadachim aventureiro  
o visionário se despertou,  
então ele desejou-a  
loucamente, mas em vão  
procurou. E ele que se ria das  
inquietações e dos reveses  
jogando a vida contra um  
golpe de dado ou de espado,  
chorou algumas vezes como  
uma criança.

Mas porque era então que  
no decorrer dessa noite de  
Natal essa Diana surgia  
assim rapidamente, tão  
evocadora, doce como uma  
visão e atormentadora como  
um remorso?

Ah! se como Galathéa a  
estátua de mármore  
pudesse animar-se e viver  
uma vida humana, se, como  
Pygmalião, Cellini pudesse,  
graças a Venus, enlaçar um  
corpo de carne!

As recordações do ano findo  
perpassavam-lhe atormentadoras  
pela mente, enquanto que lá  
fora, os repiques festejando o  
Natal, davam á quella noite  
um aspecto plangente.

Dizem em Florença que os  
rogos formulados á meia  
noite no dia de Natal se  
realizam.

E soava a meia-noite quando  
Cellini formulou, em voz alta,  
o desejo de ver e de enlaçar  
a que ele amava através da  
sua obra. Rôgo insensato  
bem o sabia ele; mas esse  
rôgo era como um desafio  
arremessado á Providencia...

Entretanto... não sonharia  
ele?

Rapidamente a estátua  
havia-se movido. Num  
raio da lua que a revestia  
duma claridade de sonho,  
a estátua animava-se, o mar  
rosava-se e parecia que um  
novo sorriso florescia nos  
seus lábios. Visão... miragem...  
Não, pois os braços  
dirigiam-se agora para ele  
com entusiasmo acolhedor.  
Era ela vivente, adorável,  
como no dia em que pela  
primeira vez lhe tinha  
aparecido deslumbrantemente  
suntuosa na sua maravilhosa  
nudez.

E ele recordava-se dessa  
impressão inexprimível,  
desse quadro imponente que  
lhe tinha deslumbrado o seu  
olhar de artista e de amante.

Só quando ela falou é que  
Cellini se certificou que o seu  
rôgo se havia cumprido á  
letra. Da volta duma longa  
viagem, a amada quiz  
reservar a Cellini o prazer  
duma surpresa. O criado do  
artista, reconhecendo a  
amante de outros tempos,  
deixou-a penetrar no  
atelier.

Ela tinha visto Benevuto  
sobre o terraço e para  
duplamente o surpreender,  
num gesto que só é  
permitted ás rainhas da  
beleza, havia-se despido  
como há pouco tempo  
o tinha feito e substituiu-  
se á sua imagem de mármore.

Nesta realidade tão  
imprevisível o artista  
adivinhou um milagre  
oculto, e, enquanto que  
beijava apaixonadamente  
os lábios da sua Diana  
de amor, murmurou:

—Hossana! um novo Deus  
acaba de nascer nos  
nossos corações

Congo-Belge, Coquilhatville,  
Setembro de 1914.

Versão do francês

ANTÓNIO LIMA

(Inédito)

CAIXEIRO

Oferece-se, com 19 anos  
de idade, para estabelecimento  
de fazendas brancas. Ainda  
está empregado. Pedir referências  
á redacção.

**MERCEARIA CASTRO**

DE  
**FRANCISCO DE CASTRO GUIMARÃES**  
RUA DE PAIO GALVÃO  
(EM FRENTE AO MERCADO)  
**GUIMARÃES**

Neste estabelecimento encontra-se sempre um sortido completo em generos alimenticios de 1.<sup>a</sup> qualidade.

Especialidade em azeite de Mirandela.  
Finissimo bacalhau Inglês e Noroega.  
Variado sortido em chocolates, cacau e conservas de Espinho.  
Vinhos finos, champanhe, cognac, licores, etc.

**BARBEARIA MILANEZA**

DE  
**MANUEL CALISTO**  
RUA DA REPUBLICA  
Esta barbearia, que prima pela limpeza e acido, recomenda-se a elite vimaranense.



**CASA PENHORISTA VIMARANENSE**

FUNDADA EM 1880  
Propriedade de **PEIXOTO & ROCHA**  
LEGALMENTE HABILITADOS

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de credito.

RUA DA REPUBLICA, 144—GUIMARÃES

**ARMAZEM DE MERCEARIA**

DE  
**OVIDIO VARELA DE ABREU ALMEIDA**  
14—RUA DE CAMÕES—18  
**GUIMARÃES**

Completo sortido em generos alimenticios de primeira qualidade e preços sem competencia.  
Chá, café, assucar, arroz, bacalhau, massas, bolachas, manteiga, queijo, etc., etc. Vinhos e azeites de 1.<sup>a</sup> qualidade.  
Deposito de enxofre e sulfato de cobre.  
Carvão de coke, cada 15 kilos 230 réis.

Confeitaria Parisiense

DE  
**DOMINGOS VINAGREIRO & F.<sup>os</sup>**

\*\*\* GUIMARÃES \*\*\*

Generos de mercearia de primeira qualidade  
Grande e variado sortido em pasteis  
Variedade em doces  
Especialidade em doce de ovos  
Grande sortido de Bolachas Inglesas e Nacionais das principais fabricas

Five o'clock tea

LUNCH'S

Variados Sorvetes

SANDWICH'S

BOMBONS DE VIENA

Rebuçados austríacos

Vinhos de mesa finos e espumosos

Champanhes, Cognacs e Licore

Conservas Nacionais e estrangeiras

Massas e farinhas alimenticias

Chá, Café, Chocolates e Cacaú

EXECUTAM-SE ENCOMENDAS PARA CASAMENTOS, BATISADOS e SOIRÉES



**QUEREIS VESTIR BEM?**

Visitai a Alfaiataria Progresso da Moda  
**Gaspar Lopes Ribeiro—R. da República**  
(Antiga Rua da Rainha)  
AONDE ESTEVE A CASA HIGH LIFE

Esta acreditadissima casa confecciona p los ultimos figurinos toda a classe de ob para homens, senhoras e crianças, garu tindo-se a elegancia do corte moderno e seu perfeito acabamento.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

**JOSQUIM DE S. BOVEJUNTA MENDES GUIMARÃES**

1, RUA DE S. DAMAZO, 3  
**GUIMARÃES**

Nesta casa encontra-se sempre completo sortido e cabedais nacionais e estrangeiros.  
Deposito de nrils e exportação de calçado

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

**"O DESPERTAR,"**

Quizenario defensor dos Interes  
dos Empregados de comercio e  
Industria, literario e noticios

PRAÇA I. AFONSO HENRIQUES, 27

**GUIMARÃES**

Preço da assinatura

Portugal e Africa—ano,	E.0,60	(600 réis)
Colonias	—	E.1,2 (1200)
Estrangeiro	—	E.1,35 (1350)

A cobrança pelo correio augmenta 8 centavos (80 réis) a cada recibo.  
O preço dos annuncios é convencional.

"O DESPERTAR,"  
minstria defensor dos interesses dos Empregados  
de comercio e industria, literario e noticios

Sociedade Martin  
mento  
Guir

